



## **COMPREENSÃO ACERCA DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: PORTA DE ENTRADA PARA TRANSTORNOS MENTAIS**

(Sybelle Karollynne de Holanda Azevedo Barros (1); Romildo Fellipe do Nascimento Silva (1); Diogo Emmanuel Lucena dos Santos (2); Isais da Costa Barbosa (3); Renato Wagner Daniel de Souza Menezes (4))

(Centro Universitário Maurício de Nassau, sybellekarollynne4@gmail.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, fellipepsicologo@live.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, emmanuel\_lucena@hotmail.com; Faculdade de Ciências Humanas, isais\_costa@hotmail.com; Faculdade Pernambucana de Saúde, renatowagner1980@gmail.com)

**RESUMO:** O presente estudo de revisão bibliográfica objetivou compreender a violência psicológica, bem como as consequências psicológicas e psiquiátricas decorrentes da violência contra a mulher. A busca pelos textos acadêmicos foi realizada na base de dados do Google Acadêmico e SciELO. Consideram-se neste levantamento bibliográfico os artigos publicados e escritos em língua portuguesa, sem restrição de data limite, sendo a consulta nas bases de dados realizada entre os meses de março a maio de 2016. Nessa escrita poderemos refletir também sobre a atuação do profissional de saúde frente a queixa de violência psicológica na prática profissional.

**Palavras-Chaves:** Violência, Violência Psicológica, Mulheres, Psicologia, Gênero.

### **INTRODUÇÃO**

A violência contra as mulheres assume caráter privado, mas é fenômeno de preocupação social (BRAVO, 1994 apud NARVAZ; KOLLER, 2006). Autores classificam a violência contra as mulheres um fenômeno complexo que vem sendo encarado como um problema de saúde pública, principalmente pelo fato do serviço de saúde ser um dos locais procurados pelas mulheres violentadas (SCHRAIBER & D'OLIVEIRA, 1999).

Outros autores ressaltam que há fatores que tornam o problema ainda mais complexo e de difícil abordagem pelos profissionais de saúde, a saber:

insensibilidade com o acontecido, a falta de capacitação dos profissionais de saúde, tendência a medicalização e pouca articulação com diferentes setores sociais (MARINHEIRO; VIEIRA; SOUZA, 2006). Os agravos a saúde causados pela violência são queixas e demandas frequentes nos serviços de saúde, nos demais níveis de atenção, mas raramente são atendidos, reconhecidos e abordados pela equipe de saúde (PEDROSA & SPINK, 2011).

Para que se possa abordar o problema nos serviços, é necessário contar com um espaço de expressão para as angústias e questões da clientela, que não se resume à aproximação biomédica estrita, ou à busca de patologias



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conforme definidas pelo saber médico. Outros profissionais que atuam na saúde, como os de Psicologia, Enfermagem e Serviço Social, têm alguma experiência com a escuta de problemas que não são exclusivamente biomédicos (SCHRAIBER & D'OLIVEIRA, 1999).

De acordo com o Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde, da Organização Mundial de Saúde (2002), a procura pelos serviços de saúde se dá pela necessidade de cuidado provocado pela violência física e pelas sequelas psicológicas.

A violência contra as mulheres acerreta como consequência graves e sérios problemas no desenvolvimento pleno e integral, compromete o exercício da cidadania, bem como dos direitos humanos (NARVAZ; KOLLER, 2006). Autores classificam a violência contra as mulheres como “violência de gênero”, pois há uma relação de subordinação da mulher na sociedade. Nessa realidade, a violência pode ser classificada por meio de agressão física, sexual, psicológica e econômica (HEISE; ELLSBERG; GOTTEMOELLER, 1999 apud MARINHEIRO; VIEIRA; SOUZA, 2006). Sendo, portanto, uma relação em que há abuso e desigualdade de poder entre gênero, acarretando disputa e o surgimento da violência. De acordo com Schraiber e D'Oliveira (1999), “A violência contra a

mulher diz respeito, pois, há sofrimentos e agressões dirigidos especificamente às mulheres pelo fato de serem mulheres”.

O presente estudo tem como objetivo principal compreender a violência psicológica contra a mulher, bem como os consequências psicológicas e psiquiátricas. O interesse pelo estudo surgiu pois os autores são da área da Psicologia e Enfermagem, e com isso houve o interesse de ir na literatura científica para refletir e compreender o fenômeno exposto.

### **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de pesquisa bibliográfica no qual foi utilizado o método de revisão bibliográfica exploratória, a qual tem como finalidade reunir e resumir o conhecimento científico produzido sobre o tema em estudo. A busca foi realizada na base de dados do Google Acadêmico e SciELO. Consideram-se neste levantamento bibliográfico os artigos publicados e escritos em língua portuguesa, sem restrição de data limite, sendo a consulta nas bases de dados realizada entre os meses de março a maio de 2016. A pesquisa pelos textos foi realizada a partir dos descritores: Violência, Violência Psicológica, Mulheres, Psicologia, Gênero.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Estudos mostram por meio dos seus resultados que a violência contra as mulheres atinge uma entre quatro mulheres no mundo

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(DINIZ, 2007). O ato da violência gera também como consequência um custo social, segundo Thomas (1992), uma em cada cinco mulheres de folga do trabalho se dá em decorrência da violência sofrida em casa. Dados nacionais mostram que 23% das mulheres brasileiras estão sujeitas a violência doméstica; a cada 4 minutos uma mulher é agredida em seu próprio lar por uma pessoa com quem mantém relação afetiva, sendo os maridos e companheiros conjugais responsável por 56% das agressões físicas; 70% dos crimes contra as mulheres acontecem dentro da sua própria casa e o agressor é o próprio companheiro; 40% das violências resultam em lesões corporais; 15% das brasileiras com 15 anos de idade já foram vítimas de violência física e uma em cada cinco brasileiras já foram vítimas de agressão pelo menos uma vez na vida (REDE SAÚDE, 2001).

Para Silva (2007), é difícil compreender a ocorrência da violência física sem a presença da violência psicológica, tendo em vista que a violência psicológica acompanha todas as manifestações de violência. Pesquisa realizada por Marinheiro, Vieira e Souza (2006), sobre a prevalência da violência contra a mulher usuário do serviço de saúde, trás por meio dos seus resultados que 41,5% das mulheres pesquisadas

relataram ter sofrido pelo menos um episódio de violência psicológica alguma vez na vida.

Outros pesquisadores trazem que a violência psicológica foi o evento mais frequente na vida e nos últimos anos nas mulheres entrevistadas. Estudo comparativo entre a população de mulheres de São Paulo (N = 940) e da Zona da Mata de Pernambuco (N = 1.188), nos anos de 2000 e 2001, evidenciaram que: 22,9% em São Paulo e 17,9% na Zona da Mata de Pernambuco referiram que a violência psicológica ocorreu apenas uma vez; 40% em São Paulo e 44% na Zona da Mata de Pernambuco relataram muitos episódios de violência psicológica. O mesmo estudo evidenciou que a violência psicológica acompanhou 90% dos relatos sobre as formas de violência física ou sexual. Apenas 10% em São Paulo e 9,9% na Zona da Mata de Pernambuco não relataram nenhum episódio de violência psicológica. 37,6% dos casos em São Paulo e 32% dos casos na Zona da Mata de Pernambuco evidenciaram a violência psicológica exclusiva. Das mulheres pesquisadas que relataram violência psicológica exclusiva, os episódios mais recorrentes, foram: insultos isolados (41,5% em São Paulo e 30,7% na Zona da Mata de Pernambuco). Cinco mulheres em São Paulo (3,05%) e três na Zona da Mata de Pernambuco (1,46%) ressaltaram que houve violência psicológica com todas as formas de



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

suas expressões, como: insultos, humilhações, intimidação, ameaças, entre outras formas (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; JUNIOR; DINIZ; PORTELLA; LUDERMIR; VALENÇA; COUTO, 2007).

De acordo com Godani-Costa, Zucatti e Dell'aglio (2011), 34,2% das mulheres violentadas fazem uso de medicações psiquiátricas, principalmente antidepressivos e ansiolíticos. Confirmando o que a literatura científica trás por meio dos seus achados, que as mulheres vítimas de violência têm mais chances de desenvolver algum quadro psiquiátrico, e conseqüentemente fazer uso de psicofármacos. Quadros psiquiátricos, como: depressão, ansiedade, transtornos fóbicos (ADEODATO; CARVALHO; SIQUEIRA; SOUZA, 2005), transtornos de estresse pós-traumático e transtorno obsessivo-compulsivo (ROVINSKI, 2004). A situação de violência causa estado de fragilidade e vulnerabilidade, atingindo de forma negativa a autoestima e a autoimagem da mulher, ocasionando insegurança, proporcionando a aceitação da vitimização como uma condição natural da mulher na sociedade (MENEGHEL; HENNINGTON, 2007).

Com o objetivo de criar mecanismo para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, em 2006 foi sancionada a Lei Nº 11.340, popularmente conhecida como "Lei Maria da Penha", Sendo, portanto, um

decreto garantido pela Constituição Federal, visando, sobretudo, eliminar todas as formas de discriminação contra as mulheres, visando punir, prevenir, irradiar a violência contra a mulher. De acordo com o Art 2º e Art 5º, respectivamente:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

O Artº 7, classifica a violência como: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. No que concerne a violência psicológica:

A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Segundo Celina Marita, Catarina Ribeiro e Carlos Peixoto (2009), a violência emocional e psicológica consiste em menosprezar, humilhar, insultar, desprezar e criticar negativamente, podendo ser por palavras ou comportamentos, no meio privado ou público. Ações criticadas de forma negativa, bem como características pessoais, personalidade ou atributos físicos. Podendo fazer uso de meios para alcançar tal fim, como gritar, destruir objetos com significação para a vítima, rasgar fotografias, cartas ou documentos pessoais. Fazer perseguição pelo trabalho, ruas, espaços de lazer. Realizar acusações infundáveis, como acusar de ter amantes, de ser infiel. Ameaçar que vai maltratar os filhos, outros familiares ou amigos. Prejudicar o descanso ou outras formas de estratégia comportamentais. Mediante ao exposto, a mulher estará sofrendo intimidação, coação e ameaça, que se consiste em mantê-la sempre com medo daquilo que o agressor possa vim a fazer com si, com os filhos, demais familiares, animais de estimação ou amigos. As mulheres se

sentirão coagidas pelo agressor, através dessas estratégias o agressor consegue mantê-la sob o seu domínio, vivendo submedita a uma realidade de ansiedade e medo.

### CONCLUSÃO

Por meio do exposto, a violência contra a mulher é um fenômeno complexo e dinâmico, entrando para essa discussão questões, como: disputa e relação de poder, gênero. Mediante tal realidade, faz-se necessário que os profissionais da área da saúde estejam preparados e aptos para também atender as demandas oriundas das demais formas de violência, que podem se manifestar como: física, sexual, emocional ou psicológica, patrimonial e moral. No que concerne a violência psicológica, trás como consequência diversas fragilidades psicológicas, bem como a grande possibilidade de desenvolver algum quadro psiquiátrico. Nessa perspectiva, ressalta-se a importância do profissional da psicologia e psiquiatria nos centros sociais e de saúde para acolhimento das vítimas de violência. Prestando um serviço respeitoso, de modo que proporcione espaço para a expressão livre dos sentimentos, fala e fatos. Que a fala da vítima encontre lugar para exposição e acolhimento incondicional da queixa que ali está sendo exposta, de forma humanizada, e que o olhar, manejo e prática do profissional possibilite condições e possibilidades que proporcione

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

reflexões sobre o ocorrido, sobre o lugar onde a possível vítima se coloca, e que a mesma possa compreender a violência na qual passou e ter consciência do ato e da tomada de decisões, favorecendo a busca por soluções por meio dos mecanismos legais. Objetivando, sobretudo, fortalecer a mulher agredida, mostrando condições que propicie o resgate de si, da autoestima e autoimagem, que haja a valorização e resgate da pessoa enquanto um todo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEODATO, V.; CARVALHO, R.; SIQUEIRA, V.; SOUZA, F. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de Saúde Pública**. (2005).

BRAVO, M. **Incesto y violación**. Chile: Academia. (1994).

BRASIL. Decreto - **Lei Nº 11.340**, 7 de Agosto de 2006. (2006). Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> Acessado em: 15/05/2016.

DINIZ, S. G. A violência de gênero como questão de saúde. **Jornal da Redesaúde**. (1997).

GADONI-COSTA, L. M.; ZUCATT, A. P. N.; DELL'AGLIO, D. D. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estudos de Psicologia**, Campinas/SP. (2011).

HEISE, L.; ELLSBERG, M.; GOTTEMOELLER, M. Ending violence against women. **Popul Rep L**. (1999).

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A.; LOZANO, R. **Relatório mundial sobre violência e saúde**, Genebra. Organização Mundial da Saúde. (2002).

MANITA, C.; RIBEIRO, C.; PEIXOTO, C. Violência doméstica: compreender para intervir, guia de boas práticas para profissionais de saúde. **Comissão para a cidadania e igualdade de gênero**, Lisboa. (2009).

MARINHEIRO, A. L. V.; VIEIRA, E. M.; SOUZA, L. Prevalência da violência contra as mulheres usuárias de serviço de saúde. **Revista de Saúde Pública**. (2006).

MENEGHEL, S. N. & HENNINGTON, E. A. A rota crítica das mulheres no Brasil: aspectos preliminares do estudo em São Leopoldo. In S. N. Meneghel (Org.), **Rotas críticas: mulheres enfrentando a violência** (p.51-61). São Leopoldo: Unisinos. (2007).

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. **PSICO**, Porto Alegre/RS. (2006).

PEDROSA, C. M.; SPINK, M. J. P. A violência contra a mulher no cotidiano dos serviços de saúde: desafios para a formação médica. **Saúde Sociedade**, São Paulo/SP. (2011).

ROVINSKI, S. L. R.. Dano psíquico em mulheres vítimas de violência. Rio de Janeiro: **Lumen**. (2004).

REDESAÚDE. **Saúde da mulher e direitos reprodutivos**. São Paulo: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos. (2001).

SILVA, L. A violência denunciada. **Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. (2005).

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. **Interface Comum Saúde Educ**. (1999).

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; JUNIOR, I. F.; DINIZ, S.; PORTELLA, A. P.; LUDERMIR, A. B.; VALENÇA, O.; COUTO, M. T. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em região do Brasil. **Revista de Saúde Pública**. (2007).

THOMAS, D. Q. Injustiça criminal: A violência contra a mulher no Brasil. **Human Rights Watch: America's Watch**. (1992).